

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

UNI-VOS!

**Adiante!**

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Nota do mês

**A grande tarefa**

A última crise governamental revelou uma vez mais divergências que se vêm agravando no campo salazarista perante as dificuldades em levar por diante a guerra de Angola e em dominar a luta do nosso povo. Poucos dias depois da crise ministerial, o isolamento e desprestígio do governo de Salazar tornaram-se mais flagrantes quando a Comissão de Curadores da P.M.A. aprovou por esmagadora maioria uma moção em que se reclama a cessação do fornecimento de armas e a aplicação de sanções contra Portugal, caso persista na sua política colonial.

Salazar, porém, não está disposto a dobrar-se perante a condenação geral. O seu discurso de 2 de Dezembro realçou o decurso de se bater em todas as circunstâncias contra os povos coloniais e contra o povo português. Compreendemos assim que o recato do caminhar para um desastre se opõe de alguns dos seus partidários e acrescenta novos nomes à lista dos dissidentes do regime.

Salazar é um fascista tão importante compreender as dificuldades em que se debilita a ditadura e saber audaciosamente tirar partido dessas dificuldades. Mas para isso, é necessário em primeiro lugar não permitir que o movimento anti-fascista paralise na expectativa dum golpe «por cima» ou do desagrégio automático do regime. Se será possível tirar vantagem da actual crise da ditadura se as forças democráticas compreenderem que lhes cabe a maior acção, independência e iniciativa, se não permitirem que se alimentem flusões em torno de falsas soluções cujo objectivo é prolongar dum forma ou de outra a vida do regime.

A crise do salazarismo só virá a transformar-se numa derrota quando as forças anti-fascistas, estreitamente unidas, levarem as massas populares a novas grandes lutas e, conquistando uma decisão, infligirem às forças armadas, em condições para marchar para o levantamento nacional libertador. Impõe-se por isso redobrar o combate às ideias golpistas que aliam o povo de grande tarefa de se organizar para a conquista da sua libertação.

**PROSSEQUE A LUTA DOS ESTUDANTES**

Acontecimentos significativos vieram já demonstrar que os estudantes conservam inalterável a capacidade de combate evidenciada ao longo das grandes lutas do último ano lectivo.

Outra coisa não seria de esperar, uma vez que, não só persistem todos os graves problemas por cuja solução os estudantes se vinham batendo, como ainda a situação se agravou, com as novas arbitrariedades e prepotências sobre as exs exercidas, entre as quais avulsa a publicação do decreto 44.632, digno sucessor do tristemente célebre 40.900, e com a qual o governo, fazendo tábua rasa dos organismos representativos da vida universitária, que não ouviu, mais uma vez atentou contra algumas das mais legítimas reivindicações estudantis — o direito de os estudantes gerirem os seus próprios interesses sem interferências estranhas e a autonomia da universidade. Os estudantes imediatamente patentearam, porém, com veemência, a sua firmeza e unidade na luta contra o decreto.

Se cessar chegamos-nos de Angola notícias de crimes monstruosos cometidos pelas tropas portuguesas contra os lutadores e o povo angolano. Continuamos a denunciar estes crimes que são um verdadeiro atentado contra a humanidade da parte do governo salazarista.

Durante o avanço para o Norte, há um ano, tornou-se «moda» pregar às portas dos quartéis, à entrada de povoações, nos carros militares, etc, cabeças, orelhas, órgãos sexuais e cadáveres mutilados dos nacionalistas; chegou a andar em Luanda uma viatura militar de cavalaria ornamentada com orelhas exibidas como troféu de guerra.

O capitão Leandro, durante os interrogatórios a patriotas africanos capturados, escreveu-lhes UPA nas costas com a ponta de um canivete.

O alferes Duque enterrou vivos os nacionalistas, deixando-lhes um braço de fora, colocando-lhes lanranjas nas mãos, para se deliciar com o tenebroso espectáculo dum lanranja espremida no estertor da morte.

O capitão Zilhão, depois da sua companhia ter sofrido três baixas, exerceu uma acção que considera compensadora, visto que fez 250 mortos. Em seguida ordenou que se cortassem algumas cabeças para servirem de aviso. Em Luanda vangloriou-se desse facto, aliás como os outros.

O alferes Robles, monstruoso assassino de centenas de pessoas

Na guerra de Angola, o governo procura transformar cada soldado num criminoso, lançando-o numa repressão bárbara sobre os africanos que lutam pela independência.

É preciso que os soldados mais conscientes não assistam passivamente a esta degradação, não se prestem a colaborar nestes crimes. Resistência e acção contra a guerra! Esta palavra de ordem deve passar de boca em boca nos quartéis, unindo todos os soldados conscientes e organizando-os para a luta.

Soldados! Criaí comités militares ilegais que esclareçam os vossos camaradas, que os dirijam na acção. Dos pequenos protestos e levantamentos de rancho podereis passar às grandes lutas, à insubordinação e à recusa a embarcar.

QUE TERMINE A GUERRA DE ANGOLA!

**Castigo para os criminosos de Guerra!**

(que levava a sua sede de sangue ao ponto de ser ele próprio a executar os seus crimes) descobriu agora um novo requinte de sadismo: tomar as refeições a uma mesa ornamentada por duas cabeças cortadas.

O alferes Esteves Pinto, antigo estudante fascista de Lisboa, obriga os prisioneiros a engolir balas e gasolina, abrindo-lhes em seguida o estômago e comentando: «da cá isso que perence ao Estado». Outras vezes enterra-lhes o sabre na barriga dizendo: «Guarda aí isso que a minha mãezinha não gosta de me ver com armas».

Esta é a trágica realidade que se vive em Angola. Estes atrocidades, que só têm paralelo nas dos hitlerianos, não são obra de sádicos isolados; todo o exército é envolvido nelas e muitos soldados têm praticado crimes repelentes.

É necessário que o nosso povo tome consciência de que a guerra

colonial está desonrando Portugal perante o mundo. É necessário desmascarar por toda a parte os crimes cometidos, reclamar o castigo dos criminosos, lutar pelo fim da guerra de Angola!

**A luta contra a guerra**

Na ESCOLA PRÁTICA DE INFANTARIA (Meira) há grande descontentamento com o regime brutal dos treinos, com os castigos constantes e com a má alimentação.

No FORT DA TRAFARIA houve um levantamento de rancho a outros protestos dos soldados.

Em TANCOS organizam-se constantemente exercícios de guerra subversivos, pondo os soldados a dar caça aos «terroristas» e chegando ao ponto de simular fusilamentos.

O agravamento da situação em ANGOLA levou os comandos a anularem as licenças de Natal e a obrigar a regressar os oficiais que tinham já vindo para Portugal.

Em MOCIMBOS e na GUINÉ, onde a censura pretende esconder a continuação de choques armados, há um ambiente de grande descontentamento e têm deserdado muitos soldados; na Guiné foram presos alguns oficiais.

**OS PRESOS POLITICOS em greve da fome**

Os presos de Peniche e Coxias numa grande demonstração de unidade, organização e combatividade frente aos seus carcereiros fascistas, fizeram no dia 4 de Novembro greve da fome em homenagem à Conferência Europeia Pró-Amnistia.

A greve da fome dos presos po-

líticos é uma contribuição de inestimável valor à luta do povo português contra a repressão e pela amnistia. Do fundo da noite fascista, os patriotas presos indicam-nos com o seu exemplo o caminho a seguir. Por isso, a greve da fome dos presos políticos é sobretudo um apelo, um apelo a todos os portugueses, à Conferência Pró-Amnistia, a todos os homens de boa vontade para que multipliquem os seus esforços e lutem com redobrada energia contra os crimes salazaristas, por uma amnistia a todos os patriotas presos.

Portugueses! Sejamos dignos dos nossos melhores filhos! O nosso dever de honra hoje é lutar sem descanço pela sua imediata libertação!

**Grave situação em Peniche! Salvemos as vidas dos presos!**

Depois da greve da fome de 4 de Novembro, que lhes valeu um mês sem visitas, lanches e jornais, os presos de Peniche lançaram-se novamente, em princípios de Dezembro, na greve da fome, como protesto pela proibição da entrada de encomendas e da sua distribuição entre todos, as dificuldades e impedimentos postos arbitrariamente às visitas e os constantes insultos e maus tratos de que são vítimas por parte dos carcereiros e da direcção da cadeia. Por volta de 10 de Dezembro os presos continuavam

(continua no 4.º pág.)



# LUTANDO CONTRA AS BASES ESTRANGEIRAS defendemos a Paz mundial

**T**ermina este mês o prazo da comissão ao exército americano da base aérea das Lages, nos Açores. O governo salazarista, que há meses acusou furiosamente os norte-americanos da falta de apoio à sua política colonial, chegando a agitar a ameaça de não renovar a cedência da base, não só não tomou qualquer medida nesse sentido como já admite abertamente a renovação do contrato, alegando os «interesses morais» em jogo. Salazar, como bom raifeiro, lamba as mãos do dono, pois sabe que não pode sobreviver sem a sua ajuda.

A base das Lages está servindo todos os dias como ponto de apoio à aviação americana na sua acção agressiva em vários pontos do mundo. Como se accentua na Declaração publicada pelo nosso Partido em 23 de Outubro acerca da provocação contra Cuba, Portugal está directamente envolvido na política aventureira dos imperialistas e, para comprar o apoio destes, Salazar está disposto a ir cada vez mais longe.

A prova disso está, não só no caso das Lages, como nas negociações secretas para ceder bases ao exército da Alemanha Federal. O ministro Franco Nogueira teve grande dificuldade em desmentir o jornalista que o interrogou a esse respeito e tentou fugir a uma resposta clara. Mas é já do conhecimento geral nas

Forças Armadas que foram apropriados terrenos e estão a ser feitas obras nos arredores de Beja por conta do governo de Adenauer, que, por detrás do aeroporto «turístico» de Faro há interesses militares alemães e que a missão militar chefiada pelo almirante Sousa Uva esteve em Outubro na Alemanha a negociar a cedência das bases. As forças norte-americanas e inglesas que estacionam no nosso território e dele se utilizam, juntar-se-ão em breve as forças da Alemanha Ocidental, se o nosso povo não o impedir.

As bases militares da N.A.T.O. no nosso território são uma ameaça à Paz mundial, reduzem a nada a independência do país e podem vir a ser utilizadas para os imperialistas acorrerem em socorro do governo de Salazar e contra o povo português.

Reclamemos que não seja renovada a cedência das Lages! Reclamemos a anulação das bases existentes! Organizemos acções de resistência e protesto nas localidades onde há bases militares da N.A.T.O.! Que todo o povo possa ler nas paredes e nas estradas: **Fora as bases estrangeiras!**

# Quem paga a guerra?

**A** análise dos últimos documentos que o governo publicou, particularmente as Contas Públicas de 1961 e a proposta de Lei de Meios para 1963, confirma mais uma vez que Salazar mantém inalterável a sua política de exploração e repressão do povo português, de guerra colonial e de entrega de Portugal aos monopólios nacionais e estrangeiros. As despesas extraordinárias de guerra foram em 1961 de 3 milhões de contos (55,6% do total das despesas extraordinárias), enquanto que as despesas de assistência, saúde e educação não foram além de 3,3%, destas. A proposta de Lei de Meios para 1963 não refere o montante previsto para despesas de guerra, mas anuncia 4 milhões e 300 mil contos para despesas relacionadas com os «compromissos internacionais» de Portugal, isto é, despesas relacionadas com a nossa participação no bloco militar agressivo da NATO. Entretanto, para contrabalançar tais despesas e manter o fio apregadoj como falso equilíbrio orçamental, Salazar chama em seu auxílio o capital estrangeiro. Em 1961, os empréstimos externos foram da ordem dos 3.600 mil contos e em 1962, segundo dados muito incompletos, outro tanto. Mas como eles ainda não chegam, o go-

verno lança mão do dinheiro dos trabalhadores, através os fundos das Caixas de Previdência. Recentemente o governo contraiu um empréstimo de meio milhão de contos das Caixas, cujos fundos são constantemente desviados da sua verdadeira função, em proveito dos grandes monopólios, da guerra colonial e das obras de fachada do salazarismo.

**Os impostos em 1961 atingiram 13 milhões de contos.** Mas novos impostos ameaçam a população, como o novo imposto de consumo geral, aplicado a todos os géneros, o novo imposto profissional, etc. São, no entanto, as classes trabalhadoras que mais sofrem as consequências desta política aventureira e suicida. A inflação a que o governo recorre para resolver os seus problemas provoca a subida dos preços e faz diminuir constantemente os salários reais. A fome, a miséria, o trabalho esgotante ou o desemprego são a realidade cotidiana de milhões de portugueses.

Entretanto, a perspectiva que Salazar abre ao povo português é o alastramento e intensificação da guerra colonial, o agravamento das condições de vida, o aumento da dependência do país em relação aos monopólios estrangeiros que a entrada de Portugal no Mercado Comum só vem a accentuar.

O único caminho que se abre hoje ao povo trabalhador para conquistar uma vida digna num Portugal próspero e verdadeiramente independente é o caminho da luta sem desfalecimentos contra a guerra colonial, contra a política económica salazarista e o poder dos monopólios, contra os impostos de guerra, a subida dos preços e o desemprego, por aumento de salários.

## O 5 DE OUTUBRO e a organização de novas lutas

**A**lém das acções democráticas que tiveram lugar pelo 5 de Outubro nas Beiras, no Alentejo, no Norte e na Margem Sul e que noticiámos nos últimos números do «Avante!», também noutros pontos se realizaram acções comemorativas.

Em Aljezur, os operários agrícolas não trabalharam e a paralisação dos operários industriais foi quase total; o comércio fechou de tarde. O feriado, assinalado com o lançamento de 52 morteiros, foi festejado por todos, apesar da GNR ter ocupado a vila em jeeps com metralhadoras.

No dia seguinte, como represália, o proprietário fascista António Fausta não aceitou o pessoal ao trabalho e agrediu um operário que foi levado para o posto da GNR e espancado; sem se atemorizar, os trabalhadores foram reclamar das autoridades que os acceitaram e que lhes fosse pago o tempo perdido, o que conseguiram.

Em Alenquer realizou-se no dia 5 de Outubro um grande jantar de confraternização a que assistiram 130 pessoas, entre elas muitos trabalhadores; foram recolhidas 80 assinaturas a favor da Amnistia.

Nas Caldas da Rainha reuniram-se 30 democratas num almoço de confraternização, fazendo intervenções favoráveis à Unidade. Em muitas outras localidades houve distribuição de manifestos, lançamento de foguetes, etc.



A jornada do 5 de Outubro não foi esquecida pelo nosso povo. Apesar da vaga de prisões que há meses prossegue sem interrupção, por todo o país realizaram-se iniciativas nas quais foram chamados à acção novos elementos e se estabeleceram novos laços de organização. Conduzindo as acções populares pelo 5 de

Outubro foram prejudicadas pelas ideias erradas de muitos anti-fascistas que consideram que já não há lugar para acções legais nem qualquer espécie de acções parciais e que sonham com uma acção armada sem estar criadas as condições para isso. Essas ideias estão retardando o desenvolvimento da luta.

Só a acção das massas deu força ao movimento anti-fascista; só ela pode continuar a fazê-lo avançar e levá-lo à vitória. Temos grandes tarefas políticas a cumprir. Preparemos acções democráticas para o próximo recenseamento eleitoral, no 31 de Janeiro, sobretudo no Porto, para as eleições de freguesia que devem realizar-se em Outubro do próximo ano, para a luta pela Amnistia. Organizemos todos os anti-fascistas em Juntas de acção patriótica ilegais que orientem todas estas lutas através de comissões cívicas e outras comissões legais.

Que cada anti-fascista seja integrado num organismo e tenha uma tarefa bem definida — e o movimen-

## LUCROS "PATRIÓTICOS"

O Banco Nacional Ultramarino anunciou que no último ano os seus lucros subiram a 185.240 contos, ou seja, quase tanto como o capital! Perante este recorde, foi resolvido elevar o capital de 200 para 300 mil contos.

O Banco Português do Atlântico, por sua vez, fazendo o balanço a 10 anos de actividade, indica que, desde 1951, o capital e reservas mais que triplicaram e que o lucro líquido nestes 10 anos já soma mais de 190 mil contos.

Entretanto, o guerra continua...

Com este número do «Avante!» sai um suplemento de rubricas com um total de: 38.297\$40

to democrático nacional fará no próximo ano progressos maiores ainda que os do ano que agora termina!

## DEFENDAMOS O PARTIDO

**A** defesa do Partido é hoje uma tarefa central de todos os seus quadros e organizações, à qual devem estar subordinadas todas as outras tarefas políticas.

Ela depende em grande parte da boa estruturação das organizações, da sua ligação com as massas, do funcionamento colectivo e regular dos seus organismos, dos hábitos de rigoroso controle de execução e de disciplina de ferro que tenham os seus quadros.

É, no entanto, absolutamente necessário que sejam conhecidas e cumpridas por todos os militantes as regras conspirativas de acordo com as situações concretas em cada sector. Em todas as reuniões dos organismos do Partido, na mente e na acção de cada militante durante a sua actividade diária deve estar sempre presente a preocupação de defender do inimigo o trabalho do Partido.

A batalha pela defesa do Partido tem de ser ganha na frente da luta anti-fascista, mas também nas nossas filitras, contra as ideias que subestimam o aparelho repressivo salazarista, contra o liberalismo, a indisciplina e a incoerência.

Defendendo da repressão fascista o nosso Partido estaremos a fazer dele um grande partido nacional.

## No inferno de Angola

### A COLÓNIA PENAL DA BAÍA DOS TIGRES

**T**odos os anos centenas de angolanos, considerados por delictos comuns e até políticos, são destrerrados para as colónias penais da Baía dos Tigres, do Cabinda e de S. Tomé. O objectivo principal desta obra colonial em Cabinda vão trabalhar no corte de madeiras da Comp. Cabinda, em S. Tomé vão para as fazendas do cacau e na Baía dos Tigres vão trabalhar na pesca. Como é feito esta desterro? Vejamos o caso da colónia penal de Baía dos Tigres.

Cada vez que um dos grandes industriais da pesca na Baía dos Tigres necessita de pessoal, manda pedir-lo ao administrador de Mocimédas que interroga e julga sumariamente os angolanos que nessa altura se encontram na Baía dos Tigres. Depois de se entregar a 4 anos dos trabalhos forçados e enviado-os para a Baía dos Tigres. Deste modo, se o industrial requisita 20 trabalhadores e se em Mocimédas só há 20 homens na prisão, esses 20 homens são irremissivelmente condenados a 4 anos de trabalhos forçados, mesmo que o seu delicto tenha sido só roubar um cigarro.

A Baía dos Tigres é um lugar terrível, desértico, isolado pelo vento; a água é racionada e cada condenado não tem direito a mais dum caneca de água por dia.

O regime de trabalho na pesca é de uma violência indescrevível; praticamente os homens vivem a bordo dos barcos, algumas vezes dormem nas amarras dos barcos, sem suportando o frio e o vento ciclónico. Quando o barco regressa à praia, os condenados ficam ainda até de madrugada a escalar o peixe.

Não há assistência sanitária. Para mil homens que ali se encontram há apenas um enfermeiro.

Os condenados são espancados e torturados em qualquer pretexto. É frequente ver-se no posto, em torno dum despoçado, três cipaios a espancá-lo, um de palmatória, outro de chicote e o terceiro de moçambique. Alguns angolanos têm sido assassinados; o industrial Joaquim Crade, o maior da Baía dos Tigres, é acusado por todos os negros de ter já matado 4 homens batendo-lhes com um canhão.

Esta é a realidade de «integração racial» em Angola como nas outras colónias. Por isso o povo de Angola se levantou em armas contra o governo português, por isso se rebelou também já no Guiné e em Moçambique, lutando pelo fim da guerra colonial e pelo direito de auto-determinação da povo da colónia e soberania nacional para pôr fim a uma situação que arruina e envenena Portugal.



# Condenados a prisão perpétua os comunistas acusam

Os julgamentos dos camaradas Joaquim Pires Jorge e Octávio Pató, dirigentes do Partido e de Júlio Martins, Albina Fernandes e Natália David; destacados militantes comunistas, foram mais uma farsa onde ficaram desmascarados os crimes da PIDE, a palhaçada da «justiça» salazarista e toda a política de tração nacional do governo fascista. Na polícia eles recusaram vaneiosamente prestar quaisquer declarações; no tribunal, desmascararam as torturas que sofreram e acusaram o governo fascista.

O camarada Octávio Pató, na sua contestação ao tribunal afirma: «Tenho orgulho em ser membro do P.C.P., não engeo as minhas responsabilidades e considero-me solidário com os princípios, com os objectivos e a orientação do meu Partido, à frente do qual se encontra o meu camarada Álvaro Cunhal». No julgamento foi constantemente interrompido quando falava e acabou por ser ex-

pulso, assim como Albina Fernandes. O juiz Caldeira foi grosseiro para os advogados de defesa e testemunhas, ameaçando-os constantemente, a tal ponto que os advogados se recusaram a falar.

O julgamento de Pires Jorge foi realizado à porta fechada, mas ouviu-se do exterior o camarada dar vivas ao Partido enquanto resistia a vários agentes da PIDE que o procuravam amordaçar. Saiu em braços da sala e vinha de tal modo amordaçado que tinha já as faces roxas. Nessa altura, uma jovem atirou-se aos agentes e ajudou o nosso camarada a libertar-se das mordaças. «Viva o Partido!» foram as últimas palavras que Pires Jorge proferiu antes de ser levado à força para o calabouço.

Durante o seu julgamento, Júlio Martins e Natália David foram tam-

bém impedidos de falar mas ainda puderam afirmar: «Somos os representantes duma causa triunfante, está para breve a libertação do nosso povo; não cumprimos a pena, pois entretanto o povo ir-nos-á abrir as prisões!». Espancado na sala pelos agentes, Júlio Martins foi levado à força pelas escadas e corredores, gritando sempre o nome do Partido. Pouco depois a PIDE expulsou também Natália David. O juiz Caldeira referiu-se à observadora inglesa, dizendo que ela estava ali a «espiar» os trabalhos do tribunal.

Os trabalhadores; todo o nosso povo, verificam diariamente que os comunistas não recuam perante nenhum sacrifício, mesmo o da liberdade, mesmo o da própria vida, na luta pelo derrubamento da ditadura e pela conquista da liberdade.

# A GREVE DA FOME

(continuação da 1.ª pag.)

É necessário que esta luta importantíssima seja conhecida e divulgada em todo o país, de modo a fazermos chegar rapidamente aos patriotas presos todo o nosso apoio material e moral, defendendo assim as suas vidas à mercê do fascismo. Patriotas como Manuel Rodrigues, Afonso Gregório, Manuel Guedes, Adolfo Ramos, com a saúde gravemente abalada pelos longos anos de prisão, estão com a vida em perigo.

A luta dos presos deve articular-se com a luta das famílias junto das autoridades pela melhoria das suas condições prisionais. Mas ela deve alargar-se às amplas massas do nosso povo, só assim ela ganhará um carácter verdadeiramente amplo, capaz de fazer recuar os algozes salazaristas.

Entretanto, a situação no forte de CAXIAS continua a agravar-se. Todos os presos, à semelhança dos de Peniche, foram castigados com um mês sem visitas, lanções e jornais. Mais de um terço deles estão castigados sem recreios. As refeições são tomadas nas celas em más condições higiénicas. A humidade é tanta nos segredos que ao fim de algumas horas os fósforos não acendem, os cigarros e tudo o mais molhado, as mantas e as roupas cheias de bolor,

# LUTEMOS UNIDOS CONTRA AS PRISÕES

Mais um vasto número de prisões se insere na escola continua e crescente de repressão, que é bem o testemunho da frequência de insurreições irremediavelmente condenadas do poder salazarista.

Em LISBOA, a zona oriental continua em fogo, tendo sido efectuados numerosos prisões e lendo-se as rusgas para revistar os trabalhadores; no BARRIO foram presos 11 ferroviários em VISU foi preso o Dr. Housinho Ferreira; em COVA DA PIEDADE, no PONTO e no ALENTEJO continuam as prisões.

As prisões lemos a somar a intensa vigilância que se tem (isto sentir sobretudo no Alentejo, patrulhado assiduamente pela G.N.R. em AVIS, MORLA, MONTARGIL, ALCÁCER DO SAL, COUCO, ALJUSTREL, as pessoas são aborjadas nos campos ou em plena rua para identificação, revistas e muitas vezes injuriadas. Em Évora, um seque do foinigerado chefe Seixas da PIDE agrediu um trabalhador na rua ocorrendo porém outras pessoas, o pido e os colegas que o acompanhavam viram-se obrigados a pôr-se em fuga.

No PORTO, durante o julgamento dos destacados acusados de fazer parte da Junta Patriótica foram desmascarados uma vez mais os métodos de tortura da PIDE. Nenhum português poderá, assim, permanecer indiferente ao total desrespeito pelo homem, que evidencia o governo fascista do Salazar. CRITICAR E POUCCO. AGR E NECESSÁRIO! Organizemo-nos em toda a parte. Contatemo-nos! Amistamo-nos! Lutemo-nos todos contra as prisões!

# Que seja encerrado o Tarrafal!

No dia 1 de Dezembro de 1938 morreu no campo de concentração do Tarrafal o jovem pintor Alfredo Caldeira, membro do Comité Central do nosso Partido; ele não resistiu mais de dois anos ao clima mortífero do campo de concentração, às febres e aos trabalhos forçados. Sabendo que se aproximava o seu fim, despediu-se de todos os camaradas desejando-lhes que conhecessem dignos melhores para o nosso país e para o nosso povo. Esses momentos estão ainda gravados na memória dos que os presenciaram.

Alfredo Caldeira foi um dos primeiros mártires a tomar no Tarrafal; dezenas de outros se lhe seguiram. Em Dezembro passa também o aniversário da morte do operário António Guerra (que aí faleceu em 1943, já cego, depois de 14 anos de prisão), do fragateiro António de Jesus Branco, do jovem Fernando Alcobia e outros.

O governo de Salazar que foi forçado pelo povo a encerrar o Tarrafal, voltou agora a reabri-lo. Recentemente foram ali desembarcados do navio «África Ocidental» 100 prisioneiros angolanos. Vários presos políticos do Forte de Peniche continuam sob a ameaça de para lá serem deportados.

Não consintamos que o governo volte a exterminar no campo de concentração os melhores lutadores pela liberdade do nosso país e pela libertação dos povos das colónias. Exijamos por todos os meios o encerramento do Tarrafal!

# Há um ano a PIDE assassinou JOSE DIAS COELHO

Na noite de 19 de Dezembro de 1961 caiu assassinado numa rua de Lisboa, varado pelas balas da PIDE, José Dias Coelho.

Tendo abandonado a sua carreira de escultor para se dedicar na clandestinidade à luta contra o salazarismo, José Dias Coelho era há vários anos funcionário do Partido Comunista e fazia parte da Direcção Regional de Lisboa do Partido. Desde muito jovem, quando era ainda estudante, manteve-se sempre coerente com o seu ideal de revolucionário, sempre disposto a servir o Partido e a luta. José Dias Coelho foi bem um representante da intelectualidade portuguesa de vanguarda, que sabe que o seu caminho está na luta ao serviço do povo.

Passado um ano sobre este cobarde assassinato, continuam ainda à solta os criminosos, os agentes da PIDE Manuel Lavado e Pedro Ferreira. A PIDE continua impunemente a prender, torturar e assassinar os melhores filhos do povo.

Exijamos o castigo destes criminosos! Chamemos todas as pessoas honradas a lutar contra a repressão!

# DOIS MUNDOS

# Os serviços de saúde na U.R.S.S. e em Portugal

## Em Portugal

\* O total de médicos, enfermeiros e parteras não vai além de 2 mil. Nas províncias há em média um médico para 2.800 pessoas, e nalgumas regiões há só um médico para 12, 15 e até 20 mil pessoas. Metade dos falecimentos não são assistidos por médico.

\* Os serviços hospitalares estão em estado catastrófico. Apesar de ser insuficiente o número de hospitais regionais e sub-regionais, muitos estão vazios ou fechados por falta de médicos e de aparelhagem. Os doentes concentram-se nos hospitais centrais.

\* A mortalidade pela tuberculose é a mais alta da Europa e uma das mais altas do mundo. Um terço de todas as mortes entre os 20 e os 30 anos de idade é provocado pela tuberculose.

\* A mortalidade infantil, que já era a mais alta da Europa, subiu de novo em 1959: de cada mil crianças 89 morreram antes de fazer um ano de idade. Nas zonas operárias e rurais, uma em cada dez crianças morre no primeiro ano de idade. Um relatório da Ordem dos Médicos diz que se poderiam salvar todos os ancs 10 a 15 mil crianças se houvesse a assistência necessária.

\* De 218.000 partos que se deram em 1958, mais de metade não foram qualquer assistência e só 33.000 foram assistidos em maternidades. A taxa de mortalidade materna é das mais elevadas do Europa.

\* O orçamento do Estado para 1961 dedica apenas 5,5% das despesas aos serviços de Saúde e assistência. O Estado não subsidia a investigação médica.

A ditadura fascista condena a população trabalhadora das cidades e dos campos aos maiores sofrimentos. Milhares de trabalhadores e seus filhos são dizimados por doenças que a medicina já pode curar, só porque o Estado fascista deixa no abandono todos os serviços que não oferecem perspectivas de lucro ao grande capital.

O exemplo da União Soviética mostra ao nosso Povo as magníficas conquistas que se alcançam com o regime socialista. Inspirados nas realizações do povo soviético livre da exploração, os trabalhadores portugueses consagram o intensificar a sua luta pelo derrubamento da ditadura fascista e pela conquista das liberdades democráticas

## Na U.R.S.S.

\* Três milhões de médicos, enfermeiros, parteras e auxiliares cuidam da saúde do Povo. Há um médico para 500 pessoas. Em 1965 haverá meio milhão de médicos na U.R.S.S.

\* Em cada bairro ou localidade há um hospital e uma policlínica a ele ligada. O mesmo médico que trata o doente em casa recebe-o também na policlínica e, em caso de hospitalização, é também o seu médico assistente. As aldeias isoladas têm postos médicos.

\* Toda a assistência médica é gratuita. Os médicos são pagos pelo Estado, que mantém os hospitais e policlínicas. Os medicamentos são distribuídos gratuitamente nos hospitais e policlínicas.

\* Em todas as grandes empresas há centros médicos que previnem as doenças e estudam o melhoramento das condições de trabalho.

\* Praticamente todos os partos são assistidos em maternidades. As mulheres grávidas têm 2 meses de férias pagas antes do parto e outros 2 meses depois do parto. A mortalidade materna é rara.

\* Os dispensários de bairro vigiam regularmente a saúde das crianças. Há 20.000 creches permanentes onde mais de um milhão de crianças passam o dia sob assistência médica. Mais 3 milhões de crianças são recebidas nas creches que funcionam durante o vário.

\* Há 226 institutos dedicados à investigação médica sob a orientação do Academeia de Medicina da URSS. Muitas doenças infecciosas foram já eliminadas por completo e outras caminham para o desaparecimento.



Alfredo Caldeira, pintor e revolucionário.